

A ESCOLA UNO NA POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA

José de Medeiros Neto¹

Resumo

O eixo do pensamento marxista sobre educação, se constitui pela proposta de união entre ensino e trabalho. Apoiando-se no pensar de Karl e Engels e seu desenvolvimento em Gramsci este pensamento passa por um processo de desenvolvimento, ao longo das obras dos três pensadores. Já Gramsci chama isso de *Escola Uno*, que viria a desfazer a escola *dual*, onde o filho das classes dominantes teria educação para o humanismo e o filho do proletário para o trabalho. Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96/LDB) essa é uma verdade clara. Já nas primeiras versões iniciais da LDB, o ensino profissional timidamente já apontava para uma série de mudanças na sua estrutura. Hoje após as mudanças instauradas pela Lei nº 11.741/08, o “ensino profissionalizante” sai da estrutura mal falada e tímida e se faz realidade através do ensino integrado, somando o ensino médio tradicional ao ensino profissional.

Palavras-chave: Pensamento de Gramsci, Marx e Engels; Escola Una; Trabalho e educação.

Abstract:

The proposed union between education and work constitutes the Marxist on education. Relying on the thinking of Marx and Engels and their development in Gramsci, this goes through a development process over the works of the three thinkers. Already Gramsci calls this “School One”, which would undo the dual school, where the son of the high classes have education for Humanism and the son of the proletarian to work. Since the promulgation of the LDB (Law 9.394/96) this is a clear fact. From the first initial versions of the LDB, vocational education timidly already pointed to a number of changes in its structure. Today after the changes brought by Law no. 11,741/08, the vocational education is came through the integrated education, integrating the average traditional education to vocational education.

Keywords: The thought of Gramsci, Marx and Engels; The “Una” school; Work and education.

A ESCOLA “UNO” E SUA PRÁTICA:

Autores discutem as complexas relações (e inter-relações) entre educação e trabalho, apoiando-se no pensar de Karl Marx, Frederick Engels e seu desenvolvimento em Antonio Gramsci, que ao romper a ordem autoritária, voltada para o progresso - instalada pelo *positivismo* - põem a

¹ Professor assistente da Faculdade 7 de setembro (FA7), especialista em Educação Brasileira pela UFCe, especialista em Gestão Escolar pela FA7; leciona Política Educacional, Ciências Políticas e Filosofia Geral

ciência da história em evidência, designando a contradição da sociedade de classes, como omotor de sua dinâmica. O estudo, o ensino e a história nunca mais serão os mesmos.

A teoria de Gramsci adequa o pensamento marxista à realidade vivida por ele. Gramsci considerava as origens materiais e históricas o antagonismo presente na luta de classes, bem como destacava importância da luta pela consciência da classe proletária contra a exploração da burguesia. (MARTINS, 2012, p.2)

A história em Marx e Engels é ciência básica² (MARX & ENGELS, 2004, p.11) de formação do *homem novo*, pois este, apesar de limitado pelas circunstâncias históricas, já nasce com a potência de agir sobre sua história, portanto, revolucionar e mudar essas circunstâncias, porém, para isso ser possível, se faz necessário a tomada de consciência para a ação, onde:

“Gramsci está atento para o fato de que a criação intelectual e prática, assim como o desenvolvimento de autonomia e iniciativa dos indivíduos, requerem uma certa maturidade. Nesse sentido ele alerta que a fixação da idade escolar depende do Estado assumir certos encargos que ficam por conta das famílias, afirmando o caráter público da escola unitária. Pois somente desta forma a educação pode atingir todos os indivíduos sem distinção de classe.” (GONZALES: 2016: p 02).

O *materialismo histórico* faz papel de teoria científica, é a explicação da história através de fatores materiais (econômicos e técnicos), enquanto que o *materialismo dialético* é a filosofia em que se fundamenta o pensamento marxista. É pela *estrutura ideológica*, relativo às ideias e valores, que ocorre a sujeição ideológica da classe dominada, onde a cultura e o modo de vida refletem os valores da classe dominante.

Neste contexto, a dialética histórica busca nos oferecer uma nova concepção de matéria e de história. Os objetos sociais não são massas ou coisas, são relações mediatizantes que têm autonomia e existência. Já a história é o modo de ser das coisas e instala uma totalidade acêntrica diferenciada. A dialética trata de descobrir a ligação entre *essência, fenômeno e devir*, explorando as contradições, determinações recíprocas e as metamorfoses. A dialética procura unir os dois polos, *análise e síntese*. Como nos fala Solonildo Silva:

O homem é parte da natureza, um ser biológico, entretanto, partindo do uso das energias naturais de seu corpo e de seu potencial intelectual e com o intermédio dos demais elementos da natureza, dá um salto da vida orgânica para o ser social sem que sua condição natural desapareça. O trabalho constitui esse impulso que separa o ser social das outras esferas do ser, é um processo em que participam o homem e a natureza, redundando na

²“Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da História.” (Marx & Engels)

humanização tanto desta como daquele. O labor, essencialmente humano, eterna síntese da relação homem e natureza, cria objetos, mas, sobretudo, relações sociais, fazendo do homem, em última análise, a síntese de múltiplas determinações historicamente determinadas. (SILVA: 2007, p.71)³

Marx procura unir o método à dialética, na busca de dar a esta conteúdo e forma de um método científico. “...a lógica é da coisa e não a coisa da lógica” e “o conceito é o universal que precisa ser recortado, pois a matéria do saber é diversa e o objeto é reconhecido em seu tipo ou média geral.” (DOMINGUES, 1991, p. 318-319)

Conclui-se então que o conhecimento é obra do homem e é na comunidade de homens que se encontra a verdade e sua medida. “A história é a disciplina que se refere aos homens, a tantos homens quanto possível, a todos os homens do mundo, enquanto se unem entre si em sociedade e trabalham, lutam e se aperfeiçoam a si mesmos.” (GRAMSCI: 1978, p. 38). Assim, a história é “ciência singular”, pois se faz na prática diária da sociedade dos homens.

1. A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO, O BINÔMIO TRABALHO E EDUCAÇÃO:⁴

O eixo do pensamento marxista sobre educação se constitui pela proposta de união entre ensino e trabalho. Este pensamento passa por um processo de desenvolvimento, ao longo das obras dos três pensadores, quer juntos ou separados, através dos tempos, que vai desde um certo ceticismo até a consideração desse eixo como um dos fatores em jogo na luta de classes. Já Gramsci chama isso de *Escola Una*, que viria a desfazer a escola *dual*, onde o filho das classes dominantes teria educação para o humanismo e o filho do proletário para o trabalho.

Os autores procuram justificar sua proposta educacional, na forma pedagógica, com a união de ensino e trabalho, que teriam um efeito salutar, principalmente na divisão do tempo para adultos e crianças, e de forma geral, com o tempo livre servindo de método para elevar a produção e a produtividade material.

Friedrich Engels, ao tratar da sociedade futura, prevê o surgimento de um novo tipo de homem, diferente do trabalhador inserido na visão *unilateral*, que a divisão do trabalho no capitalismo

³ SILVA, Solonildo Almeida. A precarização do Trabalho e do Ensino Superior no Contexto da Crise Estrutural do Capital. In Jimenez et alii, UFC, 2007 p. 71

⁴ Elaborado à partir do seminário apresentado na disciplina de *Teorias da Educação*, ministrada pela Prof^a. Dra. Maria Nobre Damasceno e o Prf. Dr. Deoclecio Scherer, na FAGED – UFC, pelos mestrandos: José de Medeiros Neto e Francisco Ursino da Silva Neto.

gerou. Além de que, isso suprimiria a divisão do trabalho e de homem, fazendo surgir a *sociedade comunista* e o *homem omnilateral*.

“Assim como os camponeses e os operários manufatureiros do século passado tiveram todo o seu modo de vida modificado e se tornaram homens completamente diferentes após terem sido incorporados pela grande indústria, a gestão coletiva das forças produtivas pelo conjunto da sociedade e o novo desenvolvimento da produção daí resultante necessitarão e criarão homens completamente diferentes dos de hoje em dia.” (in NOGUEIRA, 1993, p.120)

Em busca de tornar o ensino acessível ao proletariado vão fazer forte defesa dos ideais liberais de *ensino público, universal, gratuito e obrigatório*. Também o ensino teria caráter tecnológico para a compreensão crítica dessa realidade, corroborando para propor o fim da divisão do trabalho, categoria burguesa que é fortemente criticada e combatida nas obra dos pensadores.

O homem *omnilateral* é a antítese do operário especializado do capitalismo e a sua formação deveria capacitá-lo de forma integral, ou seja, o homem capaz de fazer face às diversas situações do trabalho. O homem que deve conhecer, resolver, decidir e transformar o processo de produção. Para isso, a educação será fundamental, pois esta

“...possibilitará aos jovens assimilar rapidamente, na prática, todo o sistema de produção. Ela fará com que passem sucessivamente de um a outro ramo da produção segundo as necessidades da sociedade ou suas próprias inclinações. Ela libertá-los-á, por conseguinte, desse caráter unilateral que a atual divisão do trabalho impõe a todos os indivíduos. Assim, a sociedade organizada em bases comunistas oferecerá aos seus membros a possibilidade de utilizarem em todos os sentidos as suas faculdades, as quais poderão se desenvolver harmonicamente.” (ENGELS in NOGUEIRA, 1993, p.120).

A nova sociedade (*a sociedade comunista*), e o novo homem seriam consequências da supressão da propriedade privada e da divisão do trabalho, segundo o próprio Engels, que também previa o desenvolvimento completo das capacidades de todos os seus membros.

Em sua obra, Gramsci ressaltou que a construção da força constante e organizada, é um componente decisivo na conquista da hegemonia. Essa tarefa deve ser realizada de modo ininterrupto, estável, metódico e com paciência, de forma a torná-la homogênea e consciente de si. Desta forma, para ele, a escola poderia desempenhar um papel destacado. No caso o pensador não chegava a acreditar na tomada de poder que não fosse precedida por fortes transformações da consciência de mundo e por mudanças das mentalidades da história, os agentes dessas transformações seriam os “intelectuais orgânicos” e a escola como o maior instrumento.

Para Gramsci:

“A escola é o instrumento para elaborar os dirigentes de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a área escolar (...) tão mais complexo será o mundo cultural” (GRAMSCI, 1995 p.32).

A transformação do indivíduo em cidadão - ou até o não-cidadão - não é tarefa apenas da escola, mas esta toma para si grande parcela da responsabilidade, por ser um local privilegiado, onde o conhecimento milenarmente acumulado pela humanidade é trabalhado didaticamente para atingir o estudante, possibilitando-lhe construir-se prático e intelectualmente para exercer sua cidadania.

A hegemonia característica do capitalismo instala uma sociedade de classes seletiva, segregacionista e classificatória, repleta de contradições e antagonismos. A escola, neste contexto, tem por vezes funcionado como um retrato fiel desta sociedade, instalando uma ordem autoritária, um regime de exclusão, onde excluem da escola quem não consegue aprender e do mercado os que não aprenderam a ler, escrever e contar. Assim, para formar o cidadão, cabe à escola garantir a aprendizagem de habilidades e conteúdo, que se farão necessários para a vida social e, conseqüentemente, na formação da consciência histórica. Dessa forma, a escola,

“...não podendo ser redentora, também não é impotente: os antagonismos e contradições levam-na a ser, apesar de determinada pela estrutura social em que se insere, um espaço de atuação de forças progressistas, isto é, de forças que a impelem em direção à transformação social, pela superação das desigualdades sociais” (SOARES, 1992, p. 73).

Através do ensino eficiente e de qualidade a escola pode instrumentalizar as camadas populares, permitindo conquistas no tocante à participação social e política, levando essas classes a exercerem sua cidadania (além de elevar os níveis que as levem a participarem da construção histórica). Assim, na educação, a escola precisa voltar-se à formação para o exercício do trabalho e acesso aos valores da civilização e o contato com o desenvolvimento da ciência e das técnicas modernas. Em Gramsci o marxismo toma forma de educação e passa a ter papel fundamental nas transformações necessárias à instalação de uma nova hegemonia e, conseqüentemente, da nova sociedade.

Hegemonia, no conceito gramsciano, é “o conjunto das funções de domínio e direção exercida por uma classe social dominante, no decurso de um período histórico, sobre outra classe social e até sobre o conjunto das classes da sociedade” (MOCHCOVITCH, 1992, p.20). A instalação de uma nova hegemonia se faz premente para a transformação da sociedade. Para isso, é preciso trabalhar um novo *senso comum* que, a partir de uma nova visão de homem e de mundo, vai mostrar um novo

conceito de cidadania, revestindo-o de conteúdo histórico. O cidadão toma consciência de sua historicidade, ou seja, da realidade de sua existência e como ela é construída historicamente, dessa maneira, a cultura (fruto da ação do homem) é crítica e busca despertar a consciência de classe. “*Toda revolução foi precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de difusão das ideias*” (NOSELLA, 1992, p.15), Essa penetração e difusão deve ser feita antes pela reflexão de alguns, que serão mediadores desse conteúdo para toda a classe. Este mediador é o *intelectual orgânico* (o mestre, o professor), que por ser elemento integrador entre a *supraestrutura* e a *infra-estrutura*, vai trabalhar o novo senso comum na instalação de uma nova direção intelectual e moral, buscando “*conquistar sua hegemonia ideológica antes mesmo da tomada de poder*” (MOCHCOVICH, 1992, p. 24). A educação então apresenta-se como instrumento de luta, ao promover a formação política e intelectual

2. PEDAGOGIA HOJE E A POLÍTICA EDUCACIONAL

A educação brasileira acontece pelo princípio da subjetividade do direito à educação, ou seja, mesmo com a falta de recursos não exime o gestor de aplicar o mínimo necessário e cumprir seu dever de prever e planejar educação, para dessa forma garantir aulas, professores, material didático e alimentação escolar, mesmo que o mínimo posto pela lei, assim como nos fala Gina Pompeu que:

“A educação, porém, só poderá ser considerada um direito de todos se houver escolas para todos. Se há um direito público subjetivo à educação, isso quer dizer que o particular tem a faculdade de exigir do Estado o cumprimento da prestação educacional pelos poderes públicos” (POMPEU: 2005, p.92)

Nossa Constituição Federal de 1988 dispõe no seu artigo 6º que entre os direitos sociais se encontram “a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade, a infância, a assistência aos desamparados...”, deixando claro que educação é um problema de direito a ser exigido pela sociedade, não apenas um problema de legislação, é direito público subjetivo, gozando da proteção do Estado.

Nos cursos de Pedagogia, a disciplina de “Política Educacional”, costuma dizer que o caminho da política segue essa sequência: primeiro vem a “teoria”, depois faz-se “lei” e volta-se para o “chão da escola”. Quem acompanha as diversas mudanças da história legislativa do nosso país, vê claramente isso.

Segundo Gramsci (GRAMSCI: 1991, p.37), “*toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica*” é uma relação ativa de modificação do ambiente cultural. Na luta hegemônica, a difusão da nova concepção de mundo, a criação do novo terreno ideológico exige uma ampla reforma intelectual e moral.

Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96-LDB) essa é uma verdade clara. Já nas primeiras versões iniciais da LDB, o ensino profissional timidamente já apontava para uma série de mudanças na sua estrutura. Hoje após as mudanças instauradas pela Lei nº 11.741/08, o “ensino profissionalizante” sai da estrutura mal falada e tímida e se faz realidade através do ensino integrado, integrando-se o ensino médio tradicional ao ensino profissional.

Acostumados que fomos pela Lei 5.692/71, gestada no regime militar que torna obrigatório o ensino profissionalizante, herdamos esse cenário que resultou num grande fracasso, o próprio regime autoritário pouco tempo depois, assumindo que errou, baixa o Parecer 76/75, aqui se instala a modalidade do ensino geral, que torna a oferta opcional do ensino profissionalizante, esse vinculado ao ensino secundário.

Mesmo que nossas escolas não tivessem condições de suportar a demanda, foi feito um simulacro, onde se fazia que estudava e os professores faziam de conta que ensinavam. Sem culpa deles (os professores), afinal não haviam salas, equipamentos e laboratórios voltados para a prática e a técnica. O estágio não acontecia, éramos levados a observar fábricas e escritórios e oficinas diversas, sem daí tirar nada, muito longe dos ensinamentos do pragmático norte americano John Dewey: do “*aprender fazendo*”. A tendência hoje é a de abolir qualquer tipo de escola que seja desinteressada, abolir delas a tendência de somente formar um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional.

As Escolas Técnicas Federais (ETF)⁵, vão fazer uma grande diferença com um ensino bem mais próximo da qualidade, constatando-se nessas instituições bons cursos profissionalizantes com currículos adequados, permitindo a muitos jovens possibilidades profissionais⁶, vestibular e outras espaço de empregabilidade.

⁵ Escola Técnica Federal, escola que estudei nos tempos da ditadura, lá muito aprendi, mesmo que não exerça o que lá me debrucei a estudar, mas a educação era de boa qualidade.

⁶ Lembro que o flanelógrafo da ETF Ce era repleto de proposta de bom empregos, colegas ainda hoje trabalham nas áreas técnicas desde o ensino secundário.

Esclarecemos que as ETFs já possuíam um corpo docente significativo, boa infraestrutura e um respeitável histórico na formação profissional. Tais fatores possibilitaram a manutenção dessas instituições como escolas de formação profissionalizante integradas ao nível médio de ensino oferecendo uma educação de qualidade respeitável. Utilizando os dizeres de Saviani (2003), a educação técnica integrada nessas escolas foi o que no Brasil mais se aproximou da ideia de politecnia expressa no pensamento marxiano-gramsciano. (SANTOS in JIMENEZ et alii: 2007 p.102.)⁷

Nos governos de Fernando Henrique Cardoso, suas políticas praticamente extinguíram, no ensino médio, a noção e prática do trabalho, os Institutos Federais viraram universidades quase que extinguindo os cursos profissionais de ensino médio, ou ainda levando a que fossem extintos. Foi um dos grandes desastres educacionais da nossa história. Mas com o advento dos governos Luiz Inácio Lula da Silva que trouxe de volta os cursos profissionais do ensino médio, através Lei 11.741/08, como no formatado “Sistema S”⁸, onde a escola de nível técnico tem funcionado há vários anos no Brasil. Assim a junção dos dois formatos de ensino – técnico e humanista – nos ampliou e alavancou para novas possibilidades para chegarmos à escola Una gramsciana.

A lei 11.741/08 já inicia-se da seguinte forma:

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

§ 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino.

§ 2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos:

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;

II – de educação profissional técnica de nível médio;

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

(...)

Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho. (LDB Art 39-40)

Aqui já se percebe a diferença que fará a união entre o ensino humanista, com as disciplinas da Base Nacional Comum e o ensino tecnológico, onde o estudante verá disciplinas com o mais moderno da tecnologia somado ao ensino profissional, desta vez com as gestões investindo em escolas técnicas nos três âmbitos de governo.

⁷ SANTOS, Deribaldo. *Políticas Públicas Neoliberais para o Ensino Profissional*, in JIMENEZ et alii, 2007.

⁸ Sistema S, é o sistema usado hoje pelo SESC/SENAI/SENAT

No Ceará desde os governos passados iniciou-se um trabalho intensivo de ampliar as escolas técnicas, através da políticas de Escola Inclusiva, onde se inclui a educação profissional somada na educação humanista. Dessa forma os estudantes têm seus quatro tempos de aula, das matérias do currículo da base comum, somada ao contra turno, mais dois tempos de aulas voltadas para a formação profissional. Ao final a escola entrega além do diploma de conclusão do ensino médio, um de formação profissional. Segundo a Secretaria da Educação Básica (SEDUC), temos no momento um bom grupo de profissionais técnicos saídos das redes estaduais. Resta-nos agora encaminhar nossas pesquisas para conhecermos de perto a formação humanista/profissional e preenchermos nossas perguntas, que formação esses adolescentes recebem? Seria a educação inclusiva o que se pensa como educação e Escola Uno? Como os jovens egressos do sistema se sentem nas suas novas profissões?

BIBLIOGRAFIA

- BRUNO, Artur; MELO, Anízio e MEDEIROS NETO, José de. *Leis da Educação*. Fortaleza: INESP, 2008.
- DOMINGUES, Ivan. *O Grau Zero do Conhecimento*. São Paulo: Loyola, 1991.
- GADOTTI, Moacir. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. 5ª. ed. São Paulo, Ática, 1994.
- _____. *A Concepção Dialética da Educação: um Estudo Introdutório*, 9ª. ed.: São Paulo: Cortez, 1995.
- GONSALEZ, Wânia R. Coutinho. *Gramsci e a Organização da Escola Unitária*. In <http://www.senac.br/informativo/bts/221/boltec221c.htm>, acesso em 02/07/16.
- GOVERNO DO BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm, acessado no dia 10/07/16.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- _____. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*, 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- JIMENEZ, Suzana Vasconcelos, SILVA, Marcus Flávio Alexandre (org). *Políticas Públicas e Reprodução do Capital*. Fortaleza: UFC, 2007.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *Marx e a Pedagogia Moderna*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991
- MARX, Karl e ENGELS, Friederich. *A Ideologia Alemã: 1o. Capítulo seguido das Teses Sobre Feuerbach*. 7ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- _____. *Textos Sobre Educação e Ensino*, 2a. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1992.
- MEDEIROS NETO, José de. *O Ensino de História e a Formação do Cidadão*. Cadernos da Pós Graduação em Educação, No. 04. Fortaleza, UFC / FACED, Dezembro de 1995.
- MARTINS, Adriana Paula. *Pressupostos de Gramsci na Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio*. Porto Alegre: Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia: Instituto Federal do Rio Grande do Sul: Canoas, V.1, N.2, 2012.

I JOINGG – JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI
VII JOREGG – JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI
Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia
Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação
23 a 25 de novembro de 2016 – Fortaleza/CE
Anais da Jornada: ISSN 2526-6950

MUCHCOVITCH, Luna Galano. *Gramsci e a Escola*, 3a. ed. São Paulo: Ática, 1992.

NOGUEIRA, Maria Alice. *Educação, Saber, Produção em Marx e Engels*, 2a. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1992.